

## I. A GLÓRIA DE JESUS E O AMOR FRATERNAL



As últimas palavras que as pessoas dizem pouco antes de morrer geralmente são importantes e sempre lembradas. A dos famosos então! Júlio César, imperador romano, ao perceber a presença do filho Brutus entre os que o emboscaram e apunhalaram, exclamou, surpreso e decepcionado: “Tu também, Brutus?” Karl Marx, filósofo e socialista (1883), quando uma empregada lhe perguntou se tinha uma última palavra a dizer, respondeu rispidamente: “Vá embora! Últimas palavras são para tolos que nunca disseram o suficiente”. Wilson Mizner, dramaturgo americano, estava em seu leito de morte quando um padre lhe disse: “Certamente você gostaria de falar comigo...”. Mizner respondeu “Por que eu falaria com você? Acabei de falar com seu chefe”. William Henry Seward, 12º governador de Nova York e Secretário de Estado dos Estados Unidos durante as administrações de Abraham Lincoln e Andrew Johnson, estava em seu leito de morte quando alguém lhe perguntou se tinha algo a dizer. Ele respondeu: “Apenas isto: Amem uns aos outros”. Meu pai, Pr. Benjamim Lenz César, faleceu em 1979, com 79 anos de idade. Ele deixou um bilhete para a família: “Se eu morrer, toquem para frente, fiéis a Cristo e à sua Palavra. A morte é natural e necessária”

Jesus, celebrando a sua última Páscoa com os seus discípulos mais próximos (os Doze), na véspera de sua morte, por crucificação, disse-lhes suas últimas palavras. Na verdade, foram longos discursos de despedida. O reformador Martinho Lutero, referindo-se aos mesmos, escreveu: “*O melhor e mais confortante sermão que o Senhor Jesus Cristo pregou na terra, um tesouro e uma jóia impossível de ser comparada com as riquezas do mundo.*” Nesta série de mensagens, vou comentar somente um pouco do muito que Jesus disse na ocasião, e que está registrado no evangelho de João, capítulos 13-17.

Jo 13.31-35

### 1. A Glória da cruz. V. 31

Por todos os motivos aquela última Páscoa de Jesus com os seus discípulos, num Cenáculo, em Jerusalém, transcorreu num clima paradoxal de alegria e tristeza, conforto e desconforto. Mais para o fim, a identificação do traidor consternou a todos, profundamente. Foi um alívio quando Judas saiu...

Estranhamente, a primeira coisa que Jesus disse "*depois que Judas saiu*", foi: "*Agora o filho do homem é glorificado, e Deus é glorificado nele [...]*" (João 13.31). "*Agora, justamente agora que Judas saiu...*" Jesus sabia dos intentos diabólicos do traidor... Lamentou? Queixou-se? Não! Tinha uma perspectiva missiológica de tudo. Seus sofrimentos, incluindo o pior deles, a cruz, seriam o cumprimento final de sua missão!

O título "*Filho do homem*", nesse contexto, é particularmente importante, pois lembra que Jesus "*sendo Deus [...] esvaziou-se a si mesmo [...] tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz*" (Filipenses. 2.5-8). Sua morte de cruz seria, ao mesmo tempo, a obediência mais difícil, o clímax de sua missão e o caminho de volta à glória desfrutada antes desse *esvaziamento*. Na oração que fez um pouco mais tarde, naquela mesma noite, Jesus pediu: "*Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho [...] Eu te glorifiquei na terra completando a obra que me deste para fazer. E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse*" (João 17.1-5). Em resposta, Deus o ressuscitou dentre os mortos e "*o exaltou a mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome [...]*" (Filipenses 2.9-10).

O Pai também foi glorificado nele, Jesus; não somente por sua vida santa e obediente, mas também por sua morte expiatória, planejada na eternidade e, paradoxalmente, expressão maior do amor do Pai. Como está escrito: "*Deus mostrou quanto nos amou ao enviar seu único Filho ao mundo para que, por meio dele, tenhamos vida [...]. Ele nos amou e enviou seu Filho como sacrifício para o perdão dos nossos pecados*" (I João 4.9-10).

Suportados com humildade e em submissão aos desígnios de Deus, nossos sofrimentos (mesmo não sendo expiatórios, como os de Jesus), podem ser motivo de alegria, pois nos aperfeiçoam e cumprem propósitos divinos. Resultam em glória! Isto, obviamente, não se aplica aos sofrimentos que nos impomos quando pecamos (1 Pedro 4.12-16).

## **2. O mandamento do amor.**

Em seguida, Jesus disse: "*Meus filhinhos, vou estar com vocês apenas mais um pouco [...]. Para onde eu vou, vocês não podem ir. Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros*" (João 13.33-34).

"*Meus filhinhos [...].*" Nos relatos evangélicos, não consta que Jesus tenha se dirigido aos seus discípulos desse modo alguma outra vez.<sup>1</sup> Por que o fez nesse contexto? Possivelmente porque percebeu o quanto eles ainda eram imaturos, crianças espirituais. Como um pai, quando se despede dos filhos pequenos, antes de uma viagem, Jesus disse aos seus discípulos, carinhosamente: "*Filhinhos, estou de partida... Dessa vez vocês não podem ir comigo. Então, comportem-se! Nada de brigas! Da forma como eu os tenho amado e cuidado de vocês, eu quero que, na minha ausência, vocês se amem e cuidem uns dos outros!*"

Jesus disse "*um novo mandamento lhes dou*". Por que novo? O mandamento para amar o próximo era muito antigo. Deus tinha ordenado a Israel, no Velho Testamento: "*Ame cada um o seu próximo como a si mesmo*" (Levítico

---

<sup>1</sup> Em todo o Novo Testamento, o diminutivo "filhinhos" (*teknia*, no grego) só se encontra aqui e várias vezes na primeira carta de João, o discípulo amado (I Jo 2.1,12,14,18, 28; 3.7, 18; 4.4; 5. 21).

19.18). Então, o que havia de novo no mandamento de Jesus? A qualificação do amor: "*Amem-se uns aos outros*", não mais "*como a si mesmos*", mas "*como eu os ame*". Antes do amor de Jesus, o amor "*a si mesmo*" era um bom começo (Mateus 7.12). Mas o amor de Cristo, elevado à altura máxima na Semana da Paixão, é o novo e perfeito padrão. Seu amor foi incondicional, altruísta, sacrificial, perfeito. Referindo-se ao sacrifício que faria daí a algumas horas, ele disse: "*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos*" (João 15.12-13).

O amor mútuo daqueles primeiros discípulos de Jesus, e de tantos outros depois deles, seria sua marca aos olhos do mundo. Jesus lhes disse: "*Todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros*". De fato, Tertuliano, autor cristão que viveu entre 160 e 220 d.C, escreveu: "*São principalmente os feitos de um amor tão nobre que leva os não cristãos a colocar essa marca em nós. Vejam como eles se amam, como estão dispostos até mesmo a morrer uns pelos outros. E nós os queremos matar!*" (Apologia XXXIX).

### Aplicação:

Então, com base neste exemplo, vemos que a primeira coisa que Jesus espera de nós como seus discípulos é que glorifiquemos a Deus e a ele próprio, mesmo nas circunstâncias mais adversas. O cristão dedicado não vive preocupado com sua glória ou sucesso pessoal, com o que lhe traz honra; ele não está num concurso de popularidade. Ele busca prioritariamente a glória de Deus, e vê em cada circunstância uma oportunidade para alcançar este propósito.

E, nesse tempo em que Jesus está fisicamente ausente, ele quer que nos amemos uns aos outros como ele nos amou: sinceramente, altruisticamente, sacrificialmente. Será tanto melhor para todos nós, e uma forma de glorificar a Deus em nossos relacionamentos e mostrar ao mundo que somos, de fato, discípulos do Senhor Jesus. Ele faz toda diferença em nossa vida, em nossos relacionamentos.

Pr. Éber Lenz César. Igreja P Libertas, 15/04/2018

[eberlenzcesar@hmail.com](mailto:eberlenzcesar@hmail.com)

[eberlenzcesar.blog.br](http://eberlenzcesar.blog.br)